

Entrevista com Luiz Antonio de Assis Brasil

Interview with Luiz Antonio de Assis Brasil

Mauro Nicola Póvoas¹ 
Fábio Varela Nascimento² 

¹Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, RS, Brasil.

²Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mails: mnpovoas@gmail.com; fv.nasci@gmail.com

Luiz Antonio de Assis Brasil¹ (Porto Alegre, 1945) é escritor e professor da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com mais de vinte títulos publicados, entre romances, novelas, contos e ensaios, entre os quais se destacam *Um quarto de légua em quadro* (1976), *A prole do corvo* (1978), *As virtudes da casa* (1985), *Cães da província* (1987), *Videiras de cristal* (1990), a trilogia *Um castelo no Pampa* (1992-1994), *O pintor de retratos* (2001), *A margem imóvel do rio* (2003), *Música perdida* (2006), *Figura na sombra* (2012), *O inverno e depois* (2016), *Escrever ficção: um manual de criação literária* (2019) e *Leopold* (2023). Entre outras distinções, Assis Brasil recebeu o Prêmio Literário do Instituto Nacional do Livro (1988), o Açorianos de Literatura (1994/1995), o Prêmio Machado de Assis (2001) e o Portugal Telecom (2004). Há quase quarenta anos, ele é o ministrante da Oficina de Criação Literária vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Nesta entrevista, concedida por *e-mail* em setembro de 2024, o escritor fala sobre leituras, criação, percepções literárias, personagens femininas e a sua relação apaixonada com os filmes – inclusive com a retomada de uma polêmica sobre o cinema nacional.

COMO CITAR

PÓVOAS, Mauro Nicola;
NASCIMENTO, Fábio Varela.
Entrevista com Luiz Antonio de Assis Brasil. *Revista da Anpoll*, v. 55, e1998, 2024.
doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.1998>

¹ Informações sobre a trajetória, a obra literária e a fortuna crítica de Assis Brasil podem ser consultadas no site do escritor, disponível em: <http://www.laab.com.br>.

Mauro Nicola Póvoas e Fábio Varela Nascimento (MNP e FVN): No documentário *O códice e o cinzel* (2007), de Douglas Machado, o senhor cita uma família literária que contava com Eça, Flaubert, Balzac e Machado como pais; Milton Hatoum e Pascal Quignard como irmãos; ex-alunos de sua oficina como filhos. Como está essa dinâmica familiar hoje – a imagem dos pais ainda é a mesma, apareceram novos irmãos, os filhos se multiplicaram?

Luiz Antonio de Assis Brasil (LAAB): Continuo o mesmo. Há ficcionistas interessantes, com quem eu tomaria um café, mas na família seriam um trambolho, sempre a exigir atenção. Por dever de ofício e amizade leio alguns textos, respeito-os, e até acho bons, mas não me levam a ler duas vezes. Ademais, eu teria de lidar com gêneros literários penosos, para os quais não me sinto motivado, e imagine aí o que se publica para saber do que estou falando: distopias, questões de gênero, questões de raça, questões éticas, abuso sexual, a preservação da natureza, limitações do politicamente correto... e assim se devasta a literatura. Interessam-me como cidadão, mas jamais como escritor ou leitor. Nesses campos é melhor lutar no âmbito público ostensivo. Então: a família já está completa. Os filhos, *bueno*, só aumentam, e gosto de ver isso – ainda que, pelos motivos acima, alguns pratiquem a literatura a que acabo de referir.

(MNP e FVN): Pensando na relação de sua obra com o cinema – vários romances seus já receberam versões fílmicas – e tendo em conta inúmeras entrevistas em que o senhor fala da admiração que nutre pelo cinema, como está hoje essa relação? E quais os filmes o marcaram nos últimos anos? E indo um pouco mais além: quais os filmes o senhor considera os melhores que já viu?

(LAAB): Sim, o cinema... tenho uma relação umbilical com ele, e vivo cotidianamente um impasse: o que vou fazer agora? Ler? Escrever? Ver um filme? Em vários sentidos, o cinema, que derivou das sequências narrativas da literatura, agora nos dá soluções técnicas inesperadas, e atinge, na plenitude, a proposta de Wagner da *Gesamtkunstwerk* [“obra de arte total”]. Digamos assim: o cinema acabou por impor-se à literatura, superando-a no gosto do público. Nós, autores, temos de levar isso em conta, e não perder o sono se construímos textos que estão acima da média do público. Nos metrô de Paris, em cada vagão havia cinquenta por cento de pessoas com um livro aberto; hoje, cem por cento está vendo o celular. Não sou contra a mudança dos hábitos culturais, nem poderia ser, claro. Os escritores precisam se dar conta do fenômeno e seguir escrevendo o que quiserem, inclusive fora dos temas dominantes da atualidade cultural: questões de gênero, de raça, de excluídos, da questão ambiental, de lugar de fala e seus subtemas, como o *bullying*, a violência doméstica. Dentro desse quadro impositivo, talvez a literatura possa, sem remorsos, olhar por outras janelas. Já o cinema tem dificuldade em fazer isso.

(MNP e FVN): Seguindo ainda na seara cinematográfica, em entrevista ao crítico de cinema Luiz Carlos Merten, para o jornal *O Estado de S. Paulo*, publicada em 8 de julho de 1999, há o seguinte trecho: “Diz que pertence a uma geração que sempre teve desconfiança do cinema brasileiro. ‘O cinema nacional não é bom’, [Assis Brasil] acrescenta, sabendo que coloca a cara para ser batida”. Continua com essa opinião ou o cenário cinematográfico nacional dos últimos vinte e cinco anos mudou a sua percepção sobre o assunto?

(LAAB): O cinema nacional alterou-se para melhor nos últimos tempos, produzindo obras relevantes e verdadeiramente artísticas, só não é melhor porque tem dificuldades para impor-se como indústria. Enquanto vemos as agências de fomento funcionando a pleno em outros países (basta olhar para nossos vizinhos argentinos e uruguaios), aqui prepondera, e não é de agora, certa má vontade contra os produtores, e os processos arrastam-se no oficialismo. Isso acaba por frear a criatividade de diretores, roteiristas e produtores.

(MNP e FVN): O senhor já comentou em outros momentos que nunca escreveu poesia. Mas qual é a sua relação, como leitor, com o gênero? Quais obras e poetas mais aprecia?

(LAAB): Poesia é para quem sabe escrevê-la. Sou um fracasso nessa área (e talvez em outras). Mas se eu escrevesse, mesmo, seguiria os passos de João Cabral – o poeta que mais leio e indico a meus alunos.

(MNP e FVN): E na narrativa – romances e contos –, quais livros que o senhor leu, nos últimos anos, que mais chamaram a sua atenção?

(LAAB): Leio mais romances do que contos. Minhas leituras são bem variadas, e agora, com minha coluna mensal no jornal *Rascunho*, mais essa variedade se acentuou. Há, entretanto, dois autores que estou sempre lendo (ou relendo), e são Thomas Bernhard e Pascal Quignard. O primeiro, pela fluência da narrativa em primeira pessoa, e o segundo, pelo refinamento emocional e, principalmente, cultural e musical. Tenho acompanhado, com interesse, aquilo que em Portugal chamam de “a vaga das raparigas” (a onda das gurias); é uma literatura pulsante de vida e que conseguem o milagre de serem intimistas, mas sem abandonarem a fabulação, um verdadeiro *tour de force* para qualquer ficcionista. Não quero citar nomes, porque muitas dessas foram ou são minhas alunas. Mas estou, mesmo, entusiasmado. De resto, são os clássicos, que leio em *looping*, por recreio e prazer/e sem nenhum dever.

(MNP e FVN): Quais reflexos a publicação de *Escrever ficção: um manual de criação literária* causou no seu fazer literário e na sua atuação docente?

(LAAB): Este livro (que contou com a colaboração de Luís Roberto Amabile) tornou-se um inesperado marco na minha carreira, e, de longe, vem superando, em repercussão e vendas, todos os meus romances. A Companhia das Letras agiu com profissionalismo e logo ele estava em todo o Brasil. Isso significa, afora outras considerações, que ele veio a preencher alguma necessidade do público leitor do nosso país, um público que, além de ler, quer escrever. Já na encomenda da obra, o editor me disse bem isso, e achei que ele estava exagerando. Mas o domínio da arte é mutável, e da literatura, mais ainda. Se o escrevesse hoje, seria, talvez, bem maior, pois gostaria de incluir novas reflexões sobre a personagem e sobre as questões estruturais do romance; e talvez eu tirasse ou substituísse algumas afirmativas categóricas demais. Mas no geral, gostei de tê-lo escrito, e meu maior medo é que alguns o tomem como uma espécie de bíblia, quando não é nada disso.

(MNP e FVN): Na novela *Leopold* (2023), o protagonista parte de uma questão significativa: “E agora?”. Como o senhor enfrenta essa pergunta em termos literários? Como é o “e agora?” após a finalização de uma obra com a qual se conviveu por anos?

(LAAB): A pergunta que me faço, depois de escrever uma obra monumental (não estou falando na qualidade estética, mas na ambição), quase a minha obra-prima, o que vai acontecer agora? Como vai acontecer, de novo, tanto envolvimento e empolgação? É uma espécie de paraíso perdido, do qual tenho uma nostalgia atroz. Tenho aí uma novela pronta, mas nem sei se vou publicá-la; perante *Leopold*, tudo me parece ruim, torto, e pior, insignificante. A sério.

(MNP e FVN): Ao publicar *O pintor de retratos* (2001), o senhor disse à revista *Blau* que, na sua obra, havia um diálogo entre o que era civilizado e o que era bárbaro. Depois de tanto tempo e de outros livros publicados, o senhor acha que esse diálogo ainda persiste ou a sua obra tomou outros rumos?

(LAAB): Essa dicotomia intelectual, ainda que inútil, ainda existe; com o tempo, me dei conta de que perdi tempo discutindo isso, escrevendo romances e mais romances com essa obsessão. O fato é que isso veio pelo desencanto completo com o Rio Grande do Sul, seja como entidade política, seja como realidade histórica. É tudo mentira e idealização. Só encontramos alguma verdade cultural autóctone no Pampa e suas estâncias. O Rio Grande do Sul se tornou o pior lugar para viver, por sua economia falida, pela burrice generalizada – e os patetas ainda ficam estimulando as representações simbólicas de um Outrora perdido para sempre. O Rio Grande infantilizou-se e caiu nas mãos do pensamento mais atrasado, que anda vestido de gaúcho, com seus cavalos enchendo de bosta nossas ruas. É triste. Nunca pensei que, um dia, eu pudesse cogitar em abandonar com gosto o Rio Grande do Sul e viver em outro lugar, como os Açores.

(MNP e FVN): Nos seus livros publicados nos últimos vinte e cinco anos – desde *O pintor de retratos*, de 2001, passando por *A margem imóvel do rio*, *Música perdida*, *Figura na sombra* e *O inverno e depois*, até o último, *Leopold*, de 2023 –, os protagonistas parecem procurar por algo que dê sentido à sua existência. Essa busca é o que liga a sua produção publicada no século XXI ou é uma preocupação que emerge dos grandes questionamentos humanos?

(LAAB): As questões existenciais são permanentes desde que existe a civilização. Depois da tragédia que foi a Revolução Industrial, o ser humano apagou-se como entidade autônoma, submergindo em sua própria efemeridade e falta de sentido. É natural que a filosofia e a literatura viessem a se ocupar desse fenômeno. Sou um homem sempre às voltas com a existência humana, principalmente – e mais agora, por razões óbvias – com a brevidade da vida, e penso que isso me ocupará doravante com maior força.

(MNP e FVN): Recentemente, foi lançado um livro sobre as personagens mulheres em seus livros (*Representações do feminino na ficção de Luiz Antonio de Assis Brasil, 2024*, organizada por Débora Mutter e Vicentônio Regis do Nascimento Silva). A partir dessa coletânea de ensaios críticos, como o senhor vê as mulheres em sua obra? E ainda: quais seriam algumas das personagens mulheres da literatura ocidental que mais o encantam?

(LAAB): Tenho dificuldade em pensar sobre minha própria obra, em especial quando se trata da presença feminina. “Minhas” mulheres nunca são simples, habitando aquela tríade misógina que Mallarmé representava em suas metáforas: são atrativas, inacessíveis e perigosas. *Honny soit qui mal y pense*. A mulher-personagem que mais me encanta é Madame Bovary.